

## Canudos e Contestado: a aprendizagem através de documentos

Alessandra da Silva Ramos<sup>1</sup>

Amanda Francielly da Silva<sup>2</sup>

Laura Pereira<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão acerca de uma oficina desenvolvida na Escola de Educação Básica Vitor Miguel de Souza, localizada no bairro Itacorubi, em Florianópolis. A oficina foi aplicada em uma turma de 7ª série e tratou da questão da terra no Brasil, a partir desta problemática foram inseridos os conteúdos das Guerras de Canudos e Contestado. Ao longo da oficina também foi integrado à programação uma visita ao Museu Histórico de Santa Catarina, para conferir junto aos alunos uma exposição sobre os 100 anos do Contestado. Dessa forma, também utilizaremos como objeto de análise para este artigo a ida ao museu, e os desdobramentos destas atividades por meio da educação histórica.

**Palavras-chave:** Oficina, Museu, Educação Histórica.

O objetivo deste artigo é analisar através dos escritos dos alunos a concepção de história ao qual apreenderam acerca dos conflitos de Canudos e Contestado referente aos trabalhos desenvolvidos em formato de oficina. Pensamos as problemáticas para esse projeto a partir de leituras teóricas desenvolvidas pelo grupo do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID em História instituído na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Utilizaremos como referencial teórico para refletir sobre as questões de educação histórica, ensino de história e práticas de ensino na área de museologia, Prats, Bittencourt, Barca e Costa. Dessa forma, procuraremos pensar as atividades dos alunos através de um processo de aprendizagem que envolve suas formulações acerca da temática, sejam mais ou menos elaboradas. Nesse sentido compartilhamos da ideia que os alunos são providos de consciência história o que faz com desenvolvam suas

---

<sup>1</sup> Graduanda da 7ª fase em História no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC, integrante do Programa de Bolsa em Iniciação à Docência – PIBID/CAPES sob a orientação das professoras doutoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

<sup>2</sup> Graduanda da 7ª fase em História no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC, integrante do Programa de Bolsa em Iniciação à Docência – PIBID/CAPES sob a orientação das professoras doutoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

<sup>3</sup> Graduanda da 7ª fase em História no Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – FAED/UDESC, integrante do Programa de Bolsa em Iniciação à Docência – PIBID/CAPES sob a orientação das professoras doutoras Cristiani Bereta da Silva e Luciana Rossato

reflexões a partir de experiências individuais as quais se integraram com as ideias apreendidas no âmbito escolar.

A oficina tinha como objetivo problematizar a questão da terra no Brasil no tempo presente contrastando com as Guerras de Canudos e Contestado. Para isso, partimos de problemáticas do presente para perceber quais eram as ideias prévias que os alunos tinham sobre os conflitos que envolviam a terra no país. Dessa maneira, utilizamos como instrumento diagnóstico a temática acerca do MST (Movimento sem Terra). Utilizamos dois tipos de fontes para que os alunos pudessem analisar. Nossa intenção era confrontar dois tipos de fontes diferentes, uma que se posicionasse contra o movimento e outra produzida pelas próprias pessoas envolvidas no MST.

Tínhamos a intenção de trabalhar com discursos acerca do tema, e dessa forma pretendíamos que os alunos analisem a atividade como um documento histórico, levando em consideração seus produtores e seus respectivos discursos. Assim, através do instrumento diagnóstico podemos perceber as relações que os alunos estabeleceram ao confrontar os dois documentos. A aluna K. compreendeu que existiam dois interesses distintos:

Eles querem lutar pelo o que é deles, lutar pelas suas terras, e outras pessoas querem tomar as suas terras causando violência com outros, querendo justiça lutar pelos seus direitos, querendo trabalho, fazendo greve para ver se muda, causando multidão pela cidade para ganhar seus direitos, os chefões que vão tomar suas coisas, os militares destruíam suas casas do grupo, fazendo causa de reformas agrícolas.<sup>4</sup>

Segundo Prats um dos objetivos do ensino de história é o entendimento do conceito de mudança, nos diz ele “Os alunos e alunas devem chegar a demonstrar uma compreensão clara do conceito de mudança em diferentes períodos de tempo e reconhecer algumas das complexidades inerentes à ideia de mudança no momento de explicar problemas históricos.” [PRATS, 198] Talvez esse seja o cerne do ensino de história, fazer com que nossos alunos e alunas entendam o movimento do tempo, presente, passado, futuro etc. Pois a nossa ciência está sempre em transição, em renovação, a transitoriedade é uma característica da história como de qualquer outra ciência. Outra característica importante é o fato de a história trazer consigo múltiplas explicações, dependendo do lugar social de onde o profissional fala, suas influencias teóricas, utilização de documentação diferenciada e etc. Segundo Barca

---

<sup>4</sup> Trecho da resposta do estudante no instrumento diagnóstico.

A História dá respostas provisórias porque pode haver pontos de vista diferentes, utilizando as mesma fontes, e por que vamos descobrindo novas relações sobre o passado, novas perspectivas. Esta é uma característica fascinante da produção histórica, que devemos passar aos alunos sem cair no relativismo de considerar que todas as respostas sobre o passado têm a mesma validade. [BARCA, p. 39]

A autora aponta também a importância desse processo ser aprendido pelos alunos em sua vida prática

Tarefas em torno de materiais históricos concretos, que veiculem de algum modo a diversidade da História e que possibilitem a reflexão sobre os seus critérios de legitimação, contribuem para estimular o raciocínio dos jovens. Será uma forma de desenvolver as suas competências de seleção e organização da informação, tão necessárias num mundo de informação plural e contraditória. [BARCA, p. 39]

Sendo assim, propomos a seguinte atividade para compreender como nossos alunos e alunas entendem essa característica da ciência história, disponibilizando trechos de duas produções cada uma escrita em um contexto diferente que tangenciavam o mesmo assunto, as práticas culturais de populações rurais no final do século XIX e início do XX. O primeiro de “Os sertões” de Euclides da Cunha, texto fruto de suas experiências como jornalista na cobertura do conflito em Canudos e o segundo do texto da historiadora Cristina Wissenbach presente no terceiro volume da coleção “História da Vida Privada”. (box nº 1)

A partir da leitura desses excertos os alunos e alunas deviam encontrar diferenças e semelhanças entre eles e baseando-se nos mesmo fazer um texto de dez linhas sobre como imaginavam ser a vida no campo no início do século XX. A proposta era que os trechos não fossem usados apenas como documentos dos quais eles extrairiam evidências para compor uma narrativa, mas também que percebessem a transitoriedade da história, que apesar de ambos falarem sobre o mesmo assunto por estarem em contextos diferentes eles trazem características diferentes, na argumentação, na escrita etc.

Os resultados podem ser divididos em algumas categorias. De 28 atividades, 8 apresentam o entendimento do que os dois textos falam sobre o mesmo assunto só que de tempos diferentes, desse grupo cada aluno ou aluna apresenta uma noção das peculiaridades epistemológicas de cada texto, sendo que 5 colocam o fato de Euclides da Cunha ter participado do evento que descreve como um caráter de verdade. Outro

grupo, de 6 trabalhos, não entendem as temporalidades que dividem os textos, não levam em consideração que os textos falam sobre o mesmo tempo, mas afirmam que cada texto fala sobre o tempo em que foi escrito. Um terceiro grupo, apenas não responde tudo que era pedido, 4 alunos apenas descreveram características genéricas sobre a vida do sertanejo que se encontram nos trechos (pobreza, dificuldades, seca, religiosidade etc), 3 alunos copiaram frases dos próprios trechos e 3 ficaram confusos quanto aos séculos, pois os textos foram escritos ambos no século XX, mas o conflito de Canudos ocorreu no final do século XIX, pensamos que esse fato os leva a crer que os textos também foram produzidos no século XIX.

Box nº 1

*“E o sertanejo espera, conformado, o dia treze daquele mês. Por que em tal data, tinha um hábito antigo de sondar o futuro, interrogando a Providência. É a experiência tradicional de Santa Luzia. No dia 12 ao anoitecer expõe ao relento, em linha, seis pedrinhas de sal, que representam, em ordem sucessiva da esquerda para direita, os seis meses que estão por vir, de janeiro a junho. Ao alvorecer de 13 observa-as: se estão intactas, pressagiam a seca; se a primeira apenas se deliu, transforma em gotas de água límpidas, é certa a chuva em janeiro; se a segunda, em fevereiro; se a maioria ou todas, é inevitável um bom inverno. Essa experiência é belíssima. Apesar de ser uma superstição parece confiável, e é aceitável desde que se considere que dela se colhe a maior ou menor dosagem de vapor d'água nos ares. Entretanto, embora tradicional, esta prova deixa ainda vacilante o sertanejo. Nem sempre desanima, ante as piores profecias. Aguarda pacientemente, o equinócio da primavera, para definitiva consulta aos elementos. Atravessa três longos meses de expectativa ansiosa e no dia de São José, 19 de março, procura novo presságio, o último. Aquele dia é para ele o índice dos meses que estão por vir. Retrata-lhe resumidas em doze horas todas as alternativas climáticas vindouras. Se durante ele chove, será chuvoso o inverno; se, ao contrário, o sol atravessa abrasadoramente o céu claro, estão por terra todas as suas esperanças. A seca é inevitável. Passa certo dia, a sua porta, a primeira turma de "retirantes". Noutra dia outra, outra. E outras. É o sertão que se esvazia. Não resiste mais. Junta-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho a fora, enchendo de ossadas as veredas”.*

Os Sertões. Euclides da Cunha, escritor, 1902.

*Costuma-se dizer que as populações rurais viviam em torno dos mínimos vitais: uma economia voltada para produção dos gêneros necessários para o consumo e para a formação de pequenos excedentes, obtida basicamente por meio do trabalho familiar; uma sociabilidade que se estendia das células familiares às relações de vizinhança e aos grupos condensados em torno de unidades sociais um pouco mais amplas, pequenas vilas, arraiais, bairros rurais, no geral de população rala; relações de dominação marcadas por padrões personalistas que se tornavam direitos e obrigações, frequentemente o uso da terra concedida pelo proprietário em troca de serviços, do pertencimento a clientes que formavam a base dos apoios políticos e eleitorais dos poderes locais; e, finalmente, uma vida religiosa e uma cultura popular ritmada por ritos do catolicismo rústico, por festas e comemorações dos santos de sua devoção, por uma forte tradição oral expressa nas modas de viola, nos sambas e batuques rurais, nas cateretês, cururus, cocos, e etc.*

Historiadora Cristina Wissenbach, 1998.

Sobre o primeiro grupo de alunos e alunas, é interessante observar como percebem a transitoriedade da história e suas múltiplas explicações. Metade entende o fato de Euclides da Cunha ter presenciado a cena que descreve como um caráter de veracidade maior do que a historiadora que pesquisou sobre o assunto. Como a aluna K. que respondeu: “Aquele dia e para ele (sic) a índice dos meses foi no ano de 1902 e o outro texto foi 1998 a diferença (sic) entre eque o outro do primeiro foi lá (sic) vio sertão já a segunda não via não teve certeza que aquilo aconteceu”. O testemunho legitima a escrita de Euclides, o fato de ele ter estado no conflito e presenciado a cena que descreve, lhe dá maior caráter de verdade. A aluna A. pensa de uma forma muito semelhante “A diferença é que ele foi lá viu e sentiu o que é lá e teve a certeza daquilo, já ela só estudou não foi lá e viu e teve essa certeza.”

Outras respostas trouxeram um entendimento maior sobre a metodologia usada por cada autor. Alguns alunos e alunas demonstraram certo conhecimento sobre como se produz história e a diferença de um testemunho jornalístico. A aluna S. por exemplo nos diz o seguinte

A diferença entre os dois textos são de uma historiadora que estudou para saber, e de um jornalista que (sic) viu a guerra dos canudos . A história passa no sertão da Bahia no anos de 1896 a 1897, e foi publicado pela historiadora no ano de 1998 e o jornalista publicou no ano de 1902. No texto comparando os dois, a historiadora usa a expressão “Populações rurais” e o jornalista a expressão “Sertanejo”, as falas são diferentes mais eles falam da mesma pessoa [...]. Tudo isso que a historiadora estudou valeu a pena pois não é nascendo que se aprende e com trabalho aprendeu muita coisa. O jornalista estava lá, ele (sic) viu, e soube muito bem.

Ela coloca os termos usados pelo jornalista e pela historiadora, como lugar de distinção, Euclides da Cunha mais próximo e mais recuado no tempo usa o termo “Sertanejo” já Wissenbach, mais distante do que descreve, que entende a vida daquelas pessoas que lhe são tão distantes com muito estudo usa uma expressão mais distanciada, mais científica de “Populações rurais”. Interessante também é a forma como a menina coloca o trabalho dos historiadores, um estudo que “vale a pena” pois “aprendeu muita coisa” com ele.

O aluno A. V. pensa de forma semelhante, mas nos traz novos argumentos para o que constitui o trabalho da historiadora “A história do primeiro (sic) trecho passa (sic) no sertões no ano de 1902, o segundo trecho fala de um resumo do primeiro trecho que o Cristina Wissenback fez em 1998.” Nos parece que pela data do primeiro texto o menino entende que ele serviu de documento para historiadora que escreve seu texto quase 100 anos depois do jornalista. E o aluno F. também entende os trechos de forma parecida, segundo ele “Os textos não tem muitas diferenças só que o segundo é mais científico.”

O grupo de alunos demonstrado por essas respostas parece entender não apenas o fato de cada texto encontrar-se em uma temporalidade diferente, mas também que eles trazem narrativas diferentes liga esse fato à profissão de cada autor, o jornalista viu – o que para alguns assegura a verdade do que ele escreveu – já a historiadora “estudou”, “pesquisou” e usou de documentos para construir seu texto.

O segundo grupo de alunos e alunas já mencionado não entendeu os textos como narrativas construídas em temporalidades diversas. Não chegam à abstração do primeiro grupo, sem entender que apesar de os textos serem escritos em tempos diferentes remente-se ao mesmo período histórico. Para eles e elas cada texto é referente à data em que foi escrito. Como a aluna A. C. que nos diz o seguinte “No texto da (sic) estoriadora Cristina ocorreu também no sertão da Bahia em 1998.”, o aluno A. M. “Porque se passa

no ano de 1902 e 1998 se passou no nordeste das guerras dos canudos.” e a aluna B. “As histórias se (sic) passam em sertões de 1902 e 1998”, por exemplo.

O restante dos alunos tem dificuldade em demarcar os anos em que os textos foram escritos e os quais ocorreram a guerra, eles apontam a escrita dos autores no século XIX. É uma característica da turma a dificuldade de leitura e escrita, trabalhamos com ela desde que era sexta série (sétimo ano) e desde então viemos percebendo que sempre quando há atividade de leitura e interpretação e escrita de texto alguns alunos copiam trechos do enunciado ou do texto de apoio e outros apenas copiam características genéricas da narrativa dos autores com as suas palavras, sem construir um raciocínio próprio, nem entender o que a atividade pede.

Além das múltiplas explicações em história colocamos nossos alunos e alunas em contato, também, com uma narrativa museológica. Segundo Bittencourt (2009) os objetos de um museu são “portadores de informações sobre costumes, técnicas, condições econômicas, ritos e crenças de nossos antepassados”<sup>5</sup> e para nossos alunos suas portas servem também como entrada para um mundo novo e desconhecido. Como poucos haviam visitado um museu antes, resolvemos que primeiro levaríamos todos para uma visita e depois pedimos relatórios e questionários acerca desta visita e também sobre o que entendiam por museu.

O Comitê Brasileiro do Icom (Comitê Internacional dos Museus), no artigo número 6 de seu estatuto, define museu como

Uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É uma instituição aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe evidências materiais do homem e de seu ambiente, para fins de pesquisa.<sup>6</sup>

Por essa definição podemos concluir que o museu é um ambiente de educação e produção de conhecimento, e não apenas de ilustração para as aulas ministradas em sala.

Para Costa o museu é também um “‘espaço que suscita sonhos’, que encanta e produz narrativas”<sup>7</sup>. Encantamento esse que nossos alunos demonstraram ao longo da

---

<sup>5</sup> BITTENCOURT, Circe. Documentos não escritos em sala de aula. In: Ensino de história fundamentos e métodos. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2009. P. 353

<sup>6</sup> Idem. P. 356

<sup>7</sup> COSTA, Julio César Virgílio da. O ensino de história mediado pelo museu: tempos, conceitos e patrimônio. 2012. Disponível em:

exposição, no momento em que os ensinamentos da sala de aula tomaram uma forma mais visível e se tornaram mais próximos da realidade. A visita ao museu proporcionou uma interação com o tema estudado em sala de aula que facilitou o entendimento de diversos aspectos dos conteúdos aprendidos, como por exemplo, o modo de vida daquelas pessoas, as armas utilizadas durante a guerra, a religião e a geografia do local.

Essa exposição, como acontece com todas as exposições, existia uma intenção em sua montagem. Nesse caso mais voltada para a vida da população que habitava a região do contestado. Se encontrando em muitos momentos com nossas explicações a respeito do assunto. Dessa forma o museu se tornou uma via de mão dupla onde estão educadores de diferentes lugares podem fazer convergir suas ações educativas<sup>8</sup>.

Enquanto trabalhávamos em sala de aula com a questão da terra em torno dos episódios da guerra de Canudos e do Contestado foi inaugurada uma exposição no palácio Cruz e Souza (Museu Histórico de Santa Catarina) intitulada “Guerra do Contestado: 100 Anos de Memórias e Narrativas”. Resolvemos levar os alunos para visita-la, de modo a tentar entender suas concepções sobre museus.

Como a exposição não tinha visita guiada preferimos deixar os alunos livres para visitarem a exposição e administrarem o tempo que tinham disponível como preferissem. Dando mais atenção aos aspectos que mais lhe chamassem a atenção, pois assim teriam mais facilidade de se identificar e se interessar na matéria, e respondendo as dúvidas surgidas durante a observação. Ao final da visita levantamos algumas questões para entender a concepção de museu deles: O que é? Para que serve? O que guarda? Além de perguntarmos o que mais chamou a atenção deles durante a visita.

A visita durou uma manhã e teve todos os problemas que uma saída de sala de aula com trinta crianças de sétima série (oitavo ano) tem; todas curiosas e excitadas por estar dentro de um prédio grande suntuoso de mais de cem anos, a nossa apreensão de perder alguém e a diversão deles no meio do grande jardim nos fundos do palácio.

---

[http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1339765780\\_ARQUIVO\\_ensino\\_de\\_historia\\_mediado\\_pelos\\_museus\\_tempos\\_conceitos\\_patrimonio\\_anpuh\\_2012\\_doc.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1339765780_ARQUIVO_ensino_de_historia_mediado_pelos_museus_tempos_conceitos_patrimonio_anpuh_2012_doc.pdf)

<sup>8</sup> Apud PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro. Educadores em zonas de fronteira - Limiares da relação museu-escola In: NASCIMENTO, Silvania Souza, FERRETI, Carla Santiago. (Org.) Cd room Museu e Escola. 1 ed. BeloHorizonte: Puc Minas/UFMG, 2009, v.1 p. 1-15. In: COSTA, Julio César Virgílio da. O ensino de história mediado pelo museu: tempos, conceitos e patrimônio. 2012. Disponível em:

[http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1339765780\\_ARQUIVO\\_ensino\\_de\\_historia\\_mediado\\_pelos\\_museus\\_tempos\\_conceitos\\_patrimonio\\_anpuh\\_2012\\_doc.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1339765780_ARQUIVO_ensino_de_historia_mediado_pelos_museus_tempos_conceitos_patrimonio_anpuh_2012_doc.pdf)



As conclusões que tiramos aqui vêm de um relatório onde pedíamos para relatarem o que mais chamou a atenção no museu e de um questionário que segue em anexo. Como já dito, a maioria que nunca havia ido a um museu, teve nessa a sua primeira experiência. E partir do relato e do questionário aplicado posteriormente podemos ver que seu entendimento sobre o que é um museu está baseado muito mais em pré-história e antiguidade; para uma grande parcela da sala o museu é apenas o lugar onde se guarda coisas ou objetos antigos.

Outra parcela também identificou o museu com um lugar de exposições artísticas, mas nas respostas sempre havia as afirmações de que museus são lugares que cuidam da história, do passado, que ajudam a lembrar de acontecimentos passados. Um dos alunos escreveu que museu é “onde ficam guardadas coisas do passado para que pessoas do futuro possam saber” e outro ainda nos diz que é “onde a história é guardada.” Há também uma dimensão de que o museu serve para consulta, tanto de professores como de alunos, eles entendem o museu como um lugar aonde as pessoas vão para se informar, para saber mais, um deles responde que museu é “onde guardam coisas interessantes para pessoas e estudantes verem” e outro ainda que seja uma “casa antiga que desperta a curiosidade de pessoas curiosas para descobrir coisas novas”. A visualidade do museu mostrou-se importante, pois no questionário aplicado pós-visita ao museu, muitos ligaram essa instituição a um lugar aonde se vai para ver “como era antigamente”, o museu é o lugar “para mostrar coisas do passado”, como diz um estudante.

Quando perguntamos para que serve o museu, as respostas se repetiram um pouco, para os alunos o museu serve para guardar coisas antigas, também ligadas a exposições artísticas. Outra ideia forte é a de que o museu serve para quem vive hoje saber como era o passado, saber como era antigamente, para ver coisas que não existem mais. Um alunos nos diz que o museu serve “para pessoas de hoje saberem coisas do passado” e outro “para ver coisas que em qualquer lugar a gente não vê”. A antiguidade também retorna como constituinte de um museu, quando se fala em museu para os estudantes eles logo pensam em coisas muito antigas, ligadas à pré-história, à antiguidade, a idade média.

Algumas informações sobre seus conhecimentos acerca do Contestado também pode ser entendidas através dos relatos da visita ao museu. “Vi nas maquetes e observei que em pelo século XIX naquela época as casinhas eram bem sem graça, e por exemplo,

velhinha, de madeira. Enfim a guerra do contestado foi uma coisa que aconteceu “recente” aqui em Santa Catarina com divisa com Paraná.”<sup>9</sup>

Podemos observar com a escrita dos alunos a percepção de espaço e tempo. No recorte do relato acima o Conflito de Contestado é considerado um acontecimento “recente”, porém é situado erroneamente no século XIX. Também as atribuições de valores referentes ao passado, ou seja, “casinhas bem sem graças” estão relacionadas ao antigo e ultrapassado.

Quando perguntados sobre outras experiências que tiveram em museus pra além da visita com a turma e as bolsistas PIBID a minoria manifestou ter visitado outros museus. De trinta alunos, apenas seis tivera experiências anteriores. E das experiências na exposição sobre o Contestado o aspecto sensorial foi o que mais chamou atenção dos alunos, coisas que podiam ser vistas, tocadas, que faziam como relatou um deles “sentir numa área de batalha”, como maquetes, armas, fotografias, apenas um aluno citou os painéis com textos.

De tudo isso as únicas coisas que achei legal foram as maquetes, porque elas mostram como era o campo de batalha deles, por onde a rodovia passava e o que aconteceu com eles e suas casas [...]

Experiência foi sentir numa área de batalha com aquelas armas, espadas, as maquetes eram muito épico para ver como era aquele tempo.

Mas eles não pareceram ter dimensão do que exatamente se tratava a exposição, muitos confundiram a Guerra do Contestado com o episódio de Canudos, pois vínhamos tratando dos dois episódios durante as aulas e outros apontaram o Contestado como algo muito antigo, acontecido a séculos atrás apenas pelo fato de estar sendo narrado por um museu.

A experiência de Canudos e Contestado, vi bastante textos relatados a eles também vi maquetes super interessantes.

Vimos 5 maquetes contando a história da guerra do Contestado [...] tipo facão de madeira, armas, mapas importantes. Achei muito legal, mesma guerra de Canudos.

---

<sup>9</sup> Relato de estudante sobre a visita ao museu. 09/11/2012.

